



JOÃO CARLOS FURLANI

Organizador

A África no Mundo Antigo

POSSIBILIDADES DE ENSINO E PESQUISA



A ÁFRICA NO MUNDO ANTIGO

POSSIBILIDADES DE
ENSINO E PESQUISA

JOÃO CARLOS FURLANI
(ORGANIZADOR)

A ÁFRICA NO MUNDO ANTIGO

POSSIBILIDADES DE
ENSINO E PESQUISA



EDITORA MILFONTES



Editora Milfontes

Rua Santa Catarina, 282, Serra - ES, 29160-104
Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>
Distribuição nacional em: www.amazon.com.br
editor@editoramilfontes.com.br
Brasil

Editor chefe

Bruno César Nascimento (Ufes)

Conselho editorial

- Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
- Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (Unicamp)
- Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
- Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
- Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
- Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
- Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
- Prof. Dra. Helena Miranda Mollo (Ufop)
- Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (Ufes)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (Ufes)
- Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
- Prof. Dra. Karina Anhezini (Unesp)
- Prof. Dra. Maria Beatriz Nader (Ufes)
- Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (Ufop)
- Prof. Dra. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
- Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (Unespar)
- Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Uerj)
- Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araújo (Ufop)
- Prof. Dra. Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)



Coleção 'Lux Antiquitatis'

Diretores da coleção 'Lux Antiquitatis'

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (Ufes)
Profa. Dra. Érica Cristhyane Morais da Silva (Ufes)

Conselho editorial

Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (UFF)
Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)
Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes)
Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)
Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (UFRJ)
Prof. Dr. Fábio Duarte Joly (Ufop)
Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (Unesp)
Profa. Dra. Norma Musco Mendes (UFRJ)
Prof. Dr. Renan Frighetto (UFPR)
Prof. Dr. Thiago Eustáquio Araujo Mota (UPE)

© 2019 João Carlos Furlani (Org.)

© 2019 Editora Milfontes

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte da obra, por qualquer meio, sem autorização da editora, constitui violação da LDA n° 9.610/98.

Revisão e normas

De responsabilidade exclusiva dos autores

Projeto gráfico, revisão técnica, capa e editoração

João Carlos Furlani

Imagem da capa

Pirâmides e templos do Reino de Kush datados de 800 a.C. a 350 d.C., em Meroe, Sudão. In: MCLAUGHLIN, R. Desert legions: the Romans in Africa. *History Today*, v. 64, i. 6, jun. 2014

CTP, impressão e acabamento

GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F985 A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa/
João Carlos Furlani (organizador)
Serra: Editora Milfontes, 2019.
272 p.: 20 cm.: il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-94353-39-9

1. África 2. História 3. Mundo Antigo 4. Ensino de História
I. João Carlos Furlani II. Título.

CDD 930+960
CDU 94(3)+94(6)

Sumário

Prefácio	9
<i>Belchior Monteiro Lima Neto</i>	
A África no Mundo Antigo: palavras iniciais	16
<i>João Carlos Furlani</i>	
O Egito, uma civilização africana	22
<i>Gilvan Ventura da Silva</i>	
O reino de Kush, na Núbia: das narrativas de Heródoto e Diodoro da Sicília aos achados arqueológicos	48
<i>Gabriela Contão Carvalho</i>	
Educação, África antiga e cinema: a representação da África em <i>Cabiria</i> (1914), à luz de <i>Histórias</i> , de Políbio	66
<i>Vitor Caliani</i>	
Os norte-africanos em <i>A Guerra de Jugurta</i> , de Salústio: notas sobre os berberes, nomadismo e ensino de História	89
<i>Martinho Guilherme Fonseca Soares</i>	
O Egito no Livro XVII da <i>Geografia</i> , de Estrabão: contribuições para o ensino de História	108
<i>Laila Lua Pissinati</i>	

Causa e consequência no Norte da África: identidade e espaço no conflito alexandrino de 38 d.C.	128
<i>Nicodemo Valim de Sena</i>	
As <i>Metamorphoses</i> ou <i>O asno de ouro</i> , de Apuleio de Madaura: possibilidades de análise para o Norte da África	143
<i>João Carlos Furlani</i>	
Transmissão, recepção e constituição documental no Norte da África: o <i>corpus Apuleii</i>	185
<i>Belchior Monteiro Lima Neto</i>	
Martírio e testemunho de Perpétua e Felicidade: contribuições de uma memória feminina e africana para o ensino de História	216
<i>Camila Fagundes Ribeiro</i>	
Algumas considerações acerca do ensino de História da África a partir da utilização de autores da Antiguidade	244
<i>Carolline da Silva Soares</i>	
Sobre os autores	270

Prefácio

Nos últimos 16 anos, os estudos africanos tiveram um grande impulso no Brasil. A partir de 2003, com a promulgação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas, a Africanologia se consolidou como uma área de vanguarda nas pesquisas acadêmicas, dando vazão a uma série de livros, coletâneas, artigos, dissertações e teses. Uma rápida busca nas prateleiras das principais livrarias do país é suficiente para corroborar com esse crescimento editorial, destacando-se inúmeros títulos associados, sobretudo, ao tráfico atlântico de escravos e às relações íntimas de nossa história com a das diferentes sociedades africanas. Contudo, a História da África que ora emerge é, em grande medida, identificada com a Modernidade e a Contemporaneidade, estando, não raras vezes, a Antiguidade africana relegada à quase completa invisibilidade.

As razões que explicam tal fenômeno devem ser buscadas na tradição historiográfica, que tendeu a desafricanizar as pesquisas dos antiquistas que se debruçavam sobre as sociedades africanas. Esse processo é percebido de diferentes maneiras, em diversas temporalidades e estudos acerca da África no Mundo Antigo, como, por exemplo, na insistência, verificada por décadas, da historiografia associar o Egito faraônico às civilizações do Oriente Próximo, fato que contribuiu para o próprio afastamento da Egíptologia dos estudos africanos.¹ Todavia, o campo mais afetado com o fenômeno da

¹ O mais proeminente autor a reivindicar a africanidade do Egito faraônico foi Cheikh Anta Diop, que, no capítulo inaugural do volume da *História Geral da África* dedicado à Antiguidade, defende a prevalência étnica negroide dos

desafricanização foi o que se dedica à investigação acerca do período romano no Norte da África, sendo consequência direta das duas grandes correntes historiográficas vigentes entre o final do século XIX e as últimas décadas do XX, que compreenderam os acontecimentos atinentes à sociedade romano-africana como parte da história dos europeus em África.

Esse olhar eurocêntrico em relação à História do Norte da África remonta ao final do Oitocentos e coincide com o início do interesse acadêmico sobre a região, pautado, na maioria dos estudos, pelo contexto do expansionismo imperialista europeu. Buscando no Mundo Antigo um paralelo e uma justificativa para as ações colonizadoras no presente, diversos autores – especialmente franceses, italianos e ingleses – encontraram no Império Romano um campo propício para legitimar a dominação colonial, ressaltando-se os benefícios da civilização romana num período em que as potências europeias se apresentavam como herdeiras naturais da antiga Roma.

René Cagnat, um dos mais importantes classicistas franceses à época, exprimia bem os sentimentos de seus pares em relação às equivalências entre o imperialismo moderno e o romano, afirmando:

Nós podemos, portanto, sem medo comparar nossa ocupação da Argélia e da Tunísia àquela das mesmas províncias africanas pelos romanos. Como eles, nós conquistamos gloriosamente a região,

antigos egípcios. DIOP, C. A. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. *História Geral da África*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 1-36. v. 2. Para a compreensão das querelas historiográficas referentes à africanidade do antigo Egito, cf. OLIVA, A. Desafricanizar o Egito, embranquecer Cleópatra. *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 10, p. 21-56, 2017.

como eles, nós asseguramos a ocupação, como eles, nós tentamos transformá-la à nossa imagem e ganhá-la para a civilização.²

As palavras de Cagnat expressam uma percepção bastante em voga no final do século XIX e no início do XX, a de identificar a história romana em África como parte do passado europeu. Na visão da época, franceses, italianos, ingleses, em suas ações imperialistas, estavam tão somente retomando suas antigas possessões territoriais, fato que contribuiu para a consolidação daquilo que Claude Lepelley denomina como “Épica do retorno”.³ Não por acaso, Gaston Boissier, em 1891, em seu discurso no *Congrès des Sociétés Savantes*, sentenciava: “Nós viemos continuar uma grande obra de civilização [...], retomamos a posse de um antigo domínio, e esses velhos monumentos [...] são precisamente nossos títulos de propriedade”.⁴

A reivindicação da herança europeia no Norte da África baseava-se em uma completa desconsideração das tradições púnica, nômada e líbia, percebidas, em termos civilizacionais, como bárbaras e/ou inferiores. A prosperidade e a riqueza das províncias romanas na região, evidenciadas pelas ruínas dos inúmeros mosaicos, edifícios públicos e monumentos, relacionavam-se, sobretudo, às realizações de migrantes itálicos ou de norte-africanos aculturados pelo processo de romanização, conceito que à época pressupunha a transformação completa do nativo em romano pela aceitação voluntária dos padrões estéticos, língua e costumes de seus conquistadores.

² GAGNAT, R. *L'armée romaine d'Afrique et l'occupation militaire sous les empereurs*. Paris: Imprimerie nationale, 1913, p. 776.

³ LEPELLEY, C. Os romanos na África ou a África romanizada? *Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte. Heródoto*, n. 1, v. 1, p. 418-437, 2016.

⁴ BOISSIER, G. *apud* FEVRIER, P. A. *Approches du Maghreb romain*. Aix-en-Provence: Édisud, 1989, p. 89.

Considerava-se, em resumo, que havia um desnível cultural entre romanos e autóctones, uma percepção que evidenciava e reforçava a construção de pares dicotômicos como civilizado/primitivo, europeu/africano.

A partir da década de 1960, com a consolidação da descolonização de países como Argélia, Marrocos, Líbia e Tunísia, nações que na Antiguidade correspondiam, *grosso modo*, às provinciais romanas no Norte da África, a produção historiográfica tomou um novo rumo, emergindo uma perspectiva que se autodenominava “descolonizada”. Autores como Laroui, Kaddache e Benabou pautaram suas pesquisas em novos vieses acadêmicos,⁵ enfatizando a ubiquidade dos conflitos locais contra a autoridade romana e a ocorrência de revoltas nativas como as de Jugurta, Tacfarinas e Firmo, tomadas como exemplos da resistência contínua e organizada dos norte-africanos à dominação estrangeira. Não à toa, tais personagens foram elevadas a peças chave da própria construção das identidades nacionais dos países recém independentes na região.

Tal postura historiográfica pós-colonial, entretanto, não rompera com as dicotomias anteriormente estabelecidas por vieses de pesquisa considerados eurocêntricos. Se antes o par dicotômico romano/autóctone tendia à valorização das tradições latinas, agora a ênfase recaía na beligerância nativa, sempre apta a resistir à usurpação estrangeira. Ambas as percepções conduziam ao afastamento de romanos e norte-africanos, vistos como incompatíveis e em constante oposição. Em suma, a historiografia “descolonizada” mantinha e reforçava o próprio processo de desafricanização do passado romano no Norte da

⁵ LAROUÏ, A. *L'histoire du Maghreb*. Paris: Maspero, 1970; KADDACHE, M. *L'Algérie dans l'antiquité*. Algiers: Société Nationale d'Édition et de Diffusion, 1971; BENABOU, M. *La résistance africaine à la romanisation*. Paris: Maspero, 1976.

África, compreendido como parte da história dos europeus no continente, numa concepção que se apresentava como o negativo, no sentido fotográfico do termo, daquela dos autores do período colonial.

A despeito das novas concepções historiográficas emergentes nas últimas décadas, presentes em obras como *Apuleius and Africa, Vandals, romans and berbers* e *Imperialism, power and identity*,⁶ que rompem com as dicotomias anteriormente estabelecidas e enfatizam o caráter multifacetado e híbrido da sociedade romano-africana, as interpretações “colonizadas” e “descolonizadas” ainda se mantêm como lugares de memória. É preciso admitir que arrancar pela raiz os preconceitos não é tarefa das mais fáceis, sendo as mais recentes perspectivas históricas somente conhecidas por um círculo restrito de especialistas, encontrando dificuldade de se impor para um público mais amplo, instruído com imagens esquemáticas, dicotômicas e de fácil compreensão. Exemplo disso é a pouca importância dada aos estudos clássicos no Norte da África, independente do fato da região possuir ricas e importantes ruínas arqueológicas provenientes do Mundo Antigo. Fora algumas iniciativas pontuais,⁷ o legado romano de países como Argélia, Marrocos, Líbia e Tunísia é ainda majoritariamente estudado por pesquisadores estrangeiros e compreendido – pelos próprios norte-africanos – como parte do passado europeu.

⁶ FINKELPEARL, E. D.; LEE, B. T.; GRAVERINI, L. *Apuleius and Africa*. London; New York: Routledge, 2014; MERRILLS, A. H. *Vandals, romans and berbers*. New York: Routledge, 2016; MATTINGLY, D. *Imperialism, power and identity*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

⁷ Pode-se citar, como exemplo, algumas iniciativas coordenadas por pesquisadores locais, com a publicação de coletâneas de catálogos de fontes musivas do Norte da África, tais como ABED, A. B. *Stories in stone: conserving mosaics of Roman Africa*. Los Angeles: Getty Publications, 2007 e FANTAR, M. H. et al. *La mosaïque en Tunisie*. Tunis: Alif, 1994.

Rompendo com essa lógica de exclusão da Africanologia frente às pesquisas associadas à Antiguidade, a obra *A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa*, em seus diversos capítulos, busca apresentar, de forma didática e acessível ao público leigo, uma série de possibilidades de investigação. O livro perpassa temas variados e identificados com a África antiga, destacando-se as problematizações acerca do Egito africano, do vale nilótico e do Magrebe sob os olhares de escritores greco-romanos, das múltiplas possibilidades de compreensão da sociedade romano-africana a partir de autores autóctones como Apuleio de Madaura e Tertuliano, além da discussão das ferramentas didáticas utilizadas no ensino do legado antigo da história africana, muitas vezes colocado em segundo plano nos manuais escolares e nos programas das disciplinas universitárias.

A coletânea, que ora se apresenta, é ela própria fruto de uma disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, e, em grande medida, objetiva contribuir para a consolidação do campo da História da África no Brasil, propondo problematizações das mais diversas, tanto elaboradas por antiquistas com pesquisas consolidadas, quanto por discentes comprometidos com investigações identificadas com a Africanologia. Em termos gerais, os textos que compõem a obra nos oferecem uma rara oportunidade de desnaturalizar preconceitos consolidados em relação à História da África, demonstrando sua pertinência no fomento do estudo da Antiguidade no país.

Vitória, 21 de janeiro de 2019
Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto
(Ufes/PPGHIS/CNPq/Fapes)